



DETETIVES-LEITORES E LEITORES-DETETIVES

Marcos Aparecido Pereira ¹

Epaminondas de Matos Magalhães ²

RESUMO: Este trabalho utiliza-se das figuras do leitor e do detetive da literatura, a fim de criar um jogo de relações entre o ato da leitura e o da investigação, transitando, ainda, pela observação competente e pela criação literária. O texto é dividido em três partes, sendo que, na primeira, mencionaram-se as preferências de leitura dos detetives criados por Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle, Agatha Christie, Raymond Chandler, Marcos Rey e Luiz Alfredo Garcia-Roza. Na segunda parte, ao falar de observação com fins investigativos, propõe-se uma alegoria entre o leitor e o detetive (ambos leitores). E, na última parte, a partir das teorias de Sartre e Barthes, sobretudo, mas também passando por apontamentos de Boileau e Narcejac, Jauss, Ostrower e Piglia, discute-se a criação literária, durante o ato da leitura.

PALAVRAS CHAVE: Leitor. Detetive. Literatura.

DETECTIVES-READERS AND READERS-DETECTIVES

ABSTRACT: This article works with the figures of reader and detective (in literature) to create a set of relations between reading and investigation, discussing, still, what a competent observation is and literary creation. The text is divided into three parts: the first one shows the reading preferences of detectives created by Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle, Agatha Christie, Raymond Chandler, Marcos Rey and Luiz Alfredo Garcia-Roza. In the second part, talking about observation in the investigation, we propose an allegory between the reader and the detective (both readers). In the last part, from the theories of Sartre and Barthes, especially, but also using Boileau and Narcejac, Jauss, Ostrower and Piglia's thoughts, we discussed the literary creation during the reading act.

KEYWORDS: Reader. Detective. Literature.

¹ Mestrando em Ensino IFMT/UNIC – Linha de pesquisa: Linguagem e seus códigos. Professor do IFMT Campus Cáceres – Prof. Olegário Baldo. E-mail: marcos.pereira@cas.ifmt.edu.br

² Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor do IFMT – Pontes e Lacerda e do Mestrado em Ensino IFMT/UNIC. E-mail: epaminondas.magalhaes@plc.ifmt.edu.br



INTRODUÇÃO

Nas linhas que se seguem utilizamo-nos das figuras do detetive e do leitor, a fim de criar algumas analogias que têm por finalidade jogar, metaforicamente, com a relação entre leitura e investigação. Detetives e leitores serviram de base para realizar alguns apontamentos acerca do ato da observação, da investigação, da leitura e da criação literária. Entretanto, precisamos esclarecer que, ao falar de detetives (e da investigação que eles realizam), referimo-nos tão e unicamente aos detetives da ficção literária presentes em algumas obras do gênero policial, sobretudo o romance policial de enigma. Ainda que, supostamente, algumas colocações (e analogias) sirvam também para o detetive, como profissional, tal não é o objetivo deste trabalho.

1. DETETIVES-LEITORES NA LITERATURA

O processo de investigação e o de leitura têm fortes pontos em comum: ambos precisam dos olhos e do raciocínio do observador para acontecer. Nos dois casos, a partir das pistas, o observador analisa, compreende, descreve e, por meio da imaginação, enxerga aquilo que pessoas comuns (aqui os não leitores e/ou os não detetives) não veem. Eco (1994) diz que o texto apresenta as pistas e cabe ao leitor desvendá-las. O mesmo autor, ao comparar o texto narrativo com um bosque, diz que: “[...] mesmo quando não existem [...] trilhas bem definidas, todos podem traçar sua própria trilha [...]” (ECO, 1994, p.12). Assim, os leitores traçam trilhas e seguem fazendo suas descobertas dentro do texto.

Cada nova descoberta levará a outra (visão, percepção e/ou descoberta), dando continuidade ao processo de criação, pois “[...] ao caminhar pelo bosque [texto], posso muito bem utilizar cada experiência e cada descoberta para aprender mais sobre a vida, sobre o passado e o futuro” (ECO, 1994, p. 16). Os detetives seguem um padrão bastante semelhante: utilizam-se de suas experiências e vão traçando seus caminhos dentro do processo de investigação e, ao mesmo tempo, fazendo descobertas.

Uma vez que a criação só pode encontrar sua realização final na leitura, uma vez que o artista deve confiar a outrem a tarefa de completar aquilo que



iniciou, uma vez que é só através da consciência do leitor que ele pode perceber-se como essencial à sua obra, toda obra literária é um apelo. Escrever é apelar ao leitor para que este faça passar à existência objetiva o desvendamento que empreendi por meio da linguagem (SARTRE, 2004, p. 37).

Assim, tanto na leitura quanto na investigação, (re) cria-se. Enquanto no primeiro criam-se (concebem-se) cenários, pessoas, personagens, (etc.) em resposta ao “apelo do autor”, no segundo, criam-se (constroem-se) hipóteses, argumentos, teorias que comprovem os fatos. Talvez por essas semelhanças que Boileau e Narcejac (1991, p. 12) tenham dito que: “O romance policial é o modelo muito aperfeiçoado da investigação científica”. No gênero policial, investigação e leitura unem-se dando ao leitor a oportunidade de criar através da imaginação, já que “[...] o que podemos imaginar sempre existe, em outra escala, em outro tempo, nítido e distante, como num sonho” (PIGLIA, 2006, p. 17).

Os detetives da ficção não gostam apenas de desvendar mistérios quase impossíveis de serem solucionados. Eles também entregam-se aos prazeres da leitura. São leitores à busca de informações, entretenimento e/ou enriquecimento pessoal. Auguste Dupin e o narrador de “Os crimes da rua Morgue”, por exemplo, encontram-se, pela primeira vez, em uma livraria, à procura de um livro “raro e notável” (POE, 2005, p. 50). Dupin, o primeiro detetive da literatura é, como afirma Piglia (2006), um grande leitor, um homem culto, um homem das letras que se lança à ação da investigação. Ao falar de Dupin, o narrador, imaginado por Edgar Allan Poe, destaca: “Seu único luxo era, na verdade, os livros” e, mais adiante, segue: “Contou-me sua vida, a história de sua família. Eu estava assombrado com a extensão de suas leituras” (POE, 2005, p. 50). O que mais chama a atenção do narrador não é algum fato relacionado à história e/ou à família de Dupin, mas, sim, ao volume de suas leituras. São as leituras que primeiro destacam aquele detetive para o narrador.

Mas, Dupin não é o único detetive-leitor da ficção policial. O modelo criado por Allan Poe seguiu adiante. Em Conan Doyle é comum a leitura do jornal, a fim de conseguir informações, saber o que está acontecendo na sociedade, etc. Além disso, Holmes é totalmente voltado para a ciência; é nela que ele baseia suas investigações e deduções e por isso é o “[...] primeiro detetive verdadeiramente científico” (BOILEAU e NARCEJAC, 1991, p. 32) da literatura. Logo, ele precisa ser um leitor, ainda que um leitor bastante seletivo. Holmes nos é apresentado como autor de várias monografias, que vão desde cinzas de cigarro



até os formatos das orelhas humanas e possuidor de amplos conhecimentos em poucas áreas, pelo menos sob a perspectiva de seu amigo Watson, que lista:

Sherlock Holmes - seus limites

1. Conhecimento de literatura: nulo.
2. Conhecimento de filosofia: nulo.
3. Conhecimento de astronomia: nulo.
4. Conhecimento de política: fraco.
5. Conhecimento de botânica: variável. Entende de beladona, ópio e venenos em geral. Não sabe nada sobre plantas úteis.
6. Conhecimento de geologia: prático, mas limitado. Distingue, à primeira vista, diferentes tipos de solos. Depois de suas caminhadas, mostra-me manchas em suas calças e diz, a partir da cor e da consistência, de que parte de Londres são.
7. Conhecimento de química: profundo.
8. Conhecimento de anatomia: acurado, mas assistemático.
9. Conhecimento de publicações sensacionalistas: imenso. Parece conhecer cada detalhe de todos os horrores perpetrados neste século.
10. Toca violino bem.
11. Perito em esgrima e boxe. Um espadachim.
12. Bom conhecimento prático das leis inglesas. (DOYLE, 1988, p. 19).

Mesmo que Holmes tenha suas limitações, ele era um especialista em sua área, como o próprio detetive afirma e explica: “[...] (um) especialista [...] é muito cuidadoso com aquilo que coloca em seu sótão cerebral. Guardará apenas as ferramentas de que necessita para seu trabalho, mas dessas terá um grande sortimento mantido na mais perfeita ordem” (DOYLE, 1988, p. 19).

“Marlowe, o detetive, [de Raymond Chandler] revela-se secretamente como um conhecedor de literatura” (PIGLIA, 2006, p. 95). Espinosa, detetive criado por Luiz Alfredo Garcia-Roza é apaixonado por livros e, em seu apartamento, eles aparecem “[...] espalhados anarquicamente pelos cômodos” (GARCIA-ROZA, 2016, p. 30). Em vários momentos ele aparece lendo ou comprando livros. Tal paixão surgiu quando:

Tinha então catorze anos. A avó materna mudara-se para o apartamento do bairro Peixoto com o propósito de cuidar de sua educação e de sua vida. Com ela vieram os livros. Era revisora profissional. Os livros foram a ligação entre seus mundos. Datava dessa época o gosto pela leitura e provavelmente o exagerado desenvolvimento do mundo da fantasia” (GARCIA-ROZA, 2016, p. 30).

O detetive mais famoso de Agatha Christie, Hercule Poirot, por sua vez, prefere Shakespeare (não se pode afirmar se como leitor ou espectador, mas ele cita-o e relaciona os personagens do dramaturgo inglês com suas investigações): em “Morte na Rua Hickory” ele



parafrazeia o famoso “ser ou não ser?” (Hamlet), em “O natal de Poirot” ele declara: “O caráter da vítima tem sempre qualquer coisa a ver com o seu assassino ou a sua assassina [...]. O espírito franco e inocente de Desdêmona foi a causa direta da sua morte” (CHRISTIE, 2000, p. 102), referindo-se a Otelo, obra que também é citada em “Cai o pano”, quando ele compara seu adversário a Iago. Mas, também lê: a bíblia (Morte no Nilo, p. 86), revistas (Assassinato no Expresso do Oriente, p. 364), romances (Os primeiros casos de Hercule Poirot, p. 85 e 161; Morte no Nilo, p. 207 e Assassinato no Expresso do Oriente, p. 45), entretanto, vale destacar seu conhecimento e, possivelmente, o volume de suas leituras sobre psicologia, como veremos no tópico a seguir.

A esse rol de detetives-leitores especialistas, gostaríamos de acrescentar dois que, quase sem escolha, tiveram que exercitar seus talentos de investigador. Os pensamentos de Leo, *bellboy* do hotel em “O mistério dos cinco estrelas” (de Marcos Rey), demonstram que o jovem é fã do gênero policial, pois, sem saber se tinha ou não visto um corpo, questiona-se se acaso “[...] andava intoxicado pelo *excesso* de leituras policiais e de filmes seriados da televisão?” (REY, 1981, p. 13, grifo meu). Já em “Gincana da morte”, Tim, outro personagem de Rey, afirma “[...] ter entendido e gostado de Carlos Drummond, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo [...]” graças ao doutor Barroso e seus conselhos acerca de leitura (sobretudo poesia). O advogado recomendava ao jovem *office-boy*: “Enquanto não chegar a hora de decidir o que vai fazer na vida, leia. Tenha sempre um livro por perto. Poesia, romance, biografia, qualquer coisa. O melhor dos homens está nos livros” (REY, 1997, p. 13).

Detetives precisam ter raciocínio apurado e grande poder de observação, precisam conhecer os fatos e, sobretudo, as pessoas. Assim, que lugar melhor para isso que a literatura?

2. O LEITOR E O DETETIVE: OBSERVADORES

O poder de observação de um detetive é, sem dúvida, uma característica imprescindível para sua profissão. Os detetives do romance policial clássico (ou de enigma), Dupin, Holmes e Poirot, por exemplo, são destacados na ficção por seu poder de observação dos fatos e das pessoas. Em Crimes da rua Morgue, ao apresentar o caso e o detetive, o narrador nos lembra que: “É essencial saber o que se deve observar” (POE, 2005, p. 49). No



cânone escrito por Doyle, Holmes faz vários comentários acerca de um observador competente, ou de seu próprio poder de observação.

Poirot, por sua vez, prefere observar as pessoas, o comportamento e as reações delas e, para isso, utiliza-se de conhecimentos de psicologia em vários de seus casos. Em “O Expresso de Plymouth” ele critica os métodos de investigação que não levam em conta a psicologia:

O nosso bom inspetor é a favor da ação das pistas materiais — murmurou Poirot quando Japp saiu. — Ele viaja, mede pegadas, coleciona cinzas, está sempre ocupado! É extremamente diligente! Se acaso eu mencionasse psicologia, sabe o que ele faria? Iria sorrir, e diria para si mesmo: Pobre Poirot! Está ficando velho, está gagá! (CHRISTIE, 1998, p. 98).

Da mesma maneira que a psicologia utiliza-se, frequentemente, da observação para coletar dados (a serem analisados, descritos e/ou estudados), o detetive de Agatha imita esse processo em suas técnicas investigativas. Em “Planos do Submarino”, ao explicar suas descobertas, ele diz a Hastings: “Mais que dedução, é psicologia, *mon ami*.” (CHRISTIE, 1998, p. 122). Em “O misterioso caso de Styles” a dedução vem com o auxílio da psicologia: “Encarando a questão sob um ângulo psicológico, cheguei a uma dedução e me convenci de que ela estava correta” (CHRISTIE, 2014, p. 154). Por fim, mais que evidências físicas, há evidências psicológicas que revelam o verdadeiro criminoso. Assim, para esse detetive, os fatos por si só não bastam, é preciso observar também os envolvidos, seus comportamentos e personalidades.

Entretanto, observando atentamente os fatos e/ou seus envolvidos, cabe-nos perguntar: o que é necessário para ser um bom observador? (Ou um observador competente como diria Holmes). Ao falar acerca de pesquisa qualitativa, Sampieri *et al.* (2006) definem um bom observador de uma maneira que acreditamos servir, igualmente, para o detetive e o leitor.

Para ser um bom observador é necessário saber escutar e utilizar todos os sentidos, por atenção aos detalhes, possuir habilidades de decifrar e compreender condutas verbais e não verbais, ser reflexivo e disciplinado para escrever anotações, assim como também ser flexível para mudar o centro da atenção, se necessário (SAMPIERI, *et al.* 2006, p. 630, tradução minha)



Tais qualidades podem ser percebidas nas narrativas dos detetives citados anteriormente. Todos os três aparecem em histórias em que é preciso apreender o máximo de detalhes possíveis, por meio da interação com os suspeitos, utilizando-se de apontamentos, mudando o foco do olhar, refletindo sobre o que foi dito e, muitas vezes, sobre aquilo que não foi dito. Analogicamente, se o detetive precisa estar atento, se quiser enxergar aquilo que os outros não enxergam, o leitor, da mesma maneira, precisa ser um bom observador, se quiser “[...] ir além da coisa escrita”, como alerta Sartre (2004, p. 38), pois é tarefa do leitor desvendar as pistas do texto (ECO, 1994). Detetives e leitores observam e, a partir da observação das pistas e/ou dos possíveis suspeitos, traçam seus caminhos de descobertas. “O leitor é obrigado a optar o tempo todo” (ECO, 1994, p. 12), o detetive também, pois ambos jogam um jogo em que é preciso escolher caminhos, alternativas.

Todos os personagens, dentro da narrativa policial, “conhecem” os fatos relacionados ao crime, entretanto, apenas o detetive (o bom observador) será capaz de chegar à verdadeira explicação dos acontecimentos. Da mesma maneira, o texto, a obra, está “disponível a todos”, contudo, apenas o leitor-detetive poderá desvendar seus enigmas. Eco (1994) diz que o leitor, ao entrar no mundo de uma narrativa, é impelido a “[...] explorá-lo em profundidade” (ECO, 1994, p. 91). Porém, o leitor que deseja aprofundar-se nos mistérios de uma obra precisa mais que simplesmente ler (decodificar). É preciso ler além das palavras escritas, e, para conseguir isso, o leitor, assim como o detetive, deve investigar, usar todos os sentidos (quando necessário e/ou possível), ficar atento aos detalhes, às pistas do texto, refletir sobre a leitura realizada, relacioná-la com outras existências, enfim, ler o implícito, por meio dos rastros delineados na obra, já que sua função não é passiva dentro do processo de leitura. Morley (2007, p. 02 – tradução minha) diz que: “O leitor é ativo, como ouvinte e como testemunha”. É da ação do leitor que a obra surge, assim como é da ação do detetive que a investigação acontece e chega à revelação dos fatos.

3. A LEITURA DAS PISTAS E O ATO DA CRIAÇÃO PELO LEITOR-DETECTIVE

O leitor não sonha a partir do nada, pois “[...] a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num vazio, mas por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas” (JAUSS, 1994, p. 28) deixadas pelo autor. O trabalho do



detetive é bem parecido, já que ele tampouco cria a partir do vazio; ele precisa ler as pistas deixadas pelo criminoso. São necessários indícios, elementos, para que ele chegue ao fim do enigma.

“As balizas que [o autor] colocou estão separadas por espaços vazios, é preciso interligá-las, é preciso ir além delas” (SARTRE, 2004, p. 38). Somente o leitor pode executar tal tarefa, apenas ele pode completar as lacunas, durante o ato da leitura. Igualmente, o detetive precisa ir além do que os olhos estão vendo, ir além do óbvio, preencher as lacunas entre as pistas e encontrar a verdade dos fatos.

No processo de investigação, o desvendamento de uma pista desencadeará uma sequência de raciocínio lógico que refutará, ou confirmará, as hipóteses levantadas sobre a história do crime e formará uma explicação. Isso, especialmente no romance policial de enigma, já que, segundo Reimão (1983, p. 22), ele é composto por duas histórias: a do crime e a do inquérito. A do inquérito é a ocasião em que acontece a descoberta e resolução das pistas e a do crime é a ocasião em que se cria a história, a partir dos indícios. Sartre (2004) diz que o leitor desvenda e cria (ou recria, já que o autor deixou as pistas, “balizas”) durante o ato da leitura. O leitor também segue as pistas, os personagens e avança na narrativa. Ao fazer isso, a verdadeira criação da obra acontece, já que o autor molda, dá forma, mas quem dá realmente vida é o leitor.

A leitura é definida por Sartre (2004, p. 38) como “criação dirigida”, pois o autor deixa as peças, as pistas, a fim de que o leitor as “encontre” (desvende) e crie em sua imaginação. “Criar é, basicamente, formar. [...] O ato criador abrange [...] a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar” (OSTROWER, 1987, p. 09).

O leitor, em sua mente, ordena os fatos, relaciona a leitura com elementos conhecidos (outras leituras e/ou vivências), compreende, atribui significados, interpreta e forma, cria uma narrativa. “Ordem e método” são as palavras preferidas de Hercule Poirot, já que sem elas não há investigação para ele. Similarmente ao ato do leitor, o detetive precisa ordenar, relacionar, dar significado às pistas, compreendê-las, a fim de formar uma teoria.

O detetive é apaixonado pelo seu ofício, pois é ele que tira Holmes do marasmo e do tédio, é ele que faz os olhos verdes de Poirot brilharem de excitação e que estimula a imaginação fértil de Espinosa. Mas, por que eles se sentem tão bem? As origens parecem estar



em nossa gênese, como explicam Boileau e Narcejac (1991), ao discutirem a origem do gênero policial:

A raiz profunda e, por assim dizer, metafísica do romance policial está aí: somos seres empenhados em extrair, de qualquer jeito, o inteligível do sensível. Enquanto não compreendemos, sofremos. Mas, desde que compreendemos, experimentamos uma alegria intelectual incomparável (BOILEAU E NARCEJAC, 1991, p. 09, 10).

Barthes (2004) fala que o leitor também é um ser apaixonado. Os leitores querem, conscientes ou não, desvendar os segredos, compreender o mundo (e eles mesmos), descobrir a verdade, provar que são capazes de ir aonde poucos conseguem, porque isso dá prazer. A leitura permite que o leitor realize essas e outras façanhas, porque ela é um sonho livre, como define Sartre (2004). E, no sonho, acordado ou não, tudo é possível, pois, segundo Llosa (2016), nas ilusões da ficção, deixamos a condição de “escravos” de uma única existência e experimentamos o gosto da liberdade. Podemos ter muitas nacionalidades, diferentes gêneros, idades diversas, somos capazes de navegar, no tempo e no espaço, sem quaisquer limitações.

Barthes (1987), em seu livro “O prazer do texto”, ao propor uma relação entre leitura e erotismo, diz que toda a excitação se esconde na *possibilidade da descoberta*, no *suspense* que faz avançar rumo ao fim da história e acrescenta, ainda, que este prazer é do querer ver, saber, descobrir; é mais intelectual que o prazer de “[...] desnudar, saber, conhecer a origem e o fim” (BARTHES, 1987, p. 17). Poderíamos dizer que nossos detetives também sentem o prazer da excitação, o prazer da caça e, nós, leitores, seguimos estimulados nesse jogo intelectual e excitante, pois observamos “[...] clandestinamente o prazer do outro” (BARTHES, 1987, p. 25) e com eles também sentimos prazer.

A investigação só acontece porque há o detetive, do contrário, seriam apenas narrativas de crimes sem solução, sem o prazer do desvendar, do descobrir, do formar e do criar (soluções e teorias). Do mesmo modo, Sartre (2004, p. 35) afirma que “[...] o objeto literário é um estranho pão, que só existe em movimento. Para fazê-lo surgir é necessário um ato concreto que se chama leitura, e ele só dura enquanto essa leitura durar” (SARTRE, 2004, p. 35). Assim, ao fazer surgir na literatura a figura heroica, “quase mágica” do detetive, Poe dá vida a fatos cotidianos que, na ausência do investigador, seriam somente violações da lei, que, diga-se de passagem, já eram bem conhecidas dos indivíduos que viviam nos aglomerados urbanos do século XIX. Em, “O mistério de Marie Rogêt”, por exemplo, o



narrador lembra: “[...] a notável frequência, em cidades grandes, de atrocidades como a aqui descrita [o assassinato da jovem]” (POE, 2011, p. 46).

O livro desprovido de leitor é apenas um objeto inanimado. A obra precisa do leitor, pois ele é aquele que seguirá as pistas, desvendará os enigmas (tal qual um detetive) e fará com que a mágica da criação aconteça. Só por meio dele o comum se torna extraordinário, e o impossível se realiza nas linhas do sonho proposto pelo texto.

CONSIDERAÇÕES

Os detetives do gênero policial apreciam o ato da leitura, possivelmente, porque isso ajuda na apropriação e compreensão do mundo. Além disso, a leitura proporciona que o leitor realize proezas que, muitas vezes, só seriam possíveis nos sonhos; e os detetives (humanos representados na ficção) também precisam sonhar.

Detetives e leitores têm a função de descobrir os mistérios dos/nos textos. Eles são, por natureza, observadores que, por meio da observação, leem as pistas, desvendam-nas e desnudam-lhes os segredos. Só por intermédio deles a ação reveladora acontece. Enquanto o primeiro chega à verdade dos fatos, o segundo desvenda e cria a obra, enquanto lê.

Leitores, igualmente aos detetives da ficção, que querem chegar ao fim dos mistérios, precisam ir além do que os olhos “comuns” são capazes de enxergar. É preciso ler não só aquilo que está explícito, mas, também, o que foi deixado implícito; é necessário desvendar segredos, compreender, provar que é capaz de realizar, pois tudo isso nos dá prazer, impulsiona-nos, eleva-nos, por meio da capacidade de dar vida, criar, de uma maneira quase divina, por meio da imaginação.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOILEAU, Pierre; NARCEJAC, Thomas. **Romance policial**. São Paulo: Ática, 1991.



- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CHRISTIE, Agatha. **Morte no Nilo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- CHRISTIE, Agatha. **O misterioso caso de Styles**. São Paulo: Globo, 2014.
- CHRISTIE, Agatha. **O Natal de Poirot**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- CHRISTIE, Agatha. **Os Primeiros Casos de Poirot**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- DOYLE, Arthur Conan. **Sherlock Holmes**: edição completa do maior detetive de todos os tempos! Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **O silêncio da chuva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- LLOSA, Mario Vargas. **La verdade de las mentiras**. Livro digital. Alfaguara, 2016.
- MORLEY, David. **Creative Writing**, New York: Cambridge University Press, 2007.
- OSTROWER, Faya. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- POE, Edgar Allan. **Escaravelho de Ouro e outros Contos** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- POE, Edgar Allan. **Histórias extraordinárias**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- REIMÃO, Sandra Lúcia. **O que é Romance Policial**. 2 ed. Brasiliense, São Paulo: 1983.
- REY, Marcos. **Gincana da Morte**. São Paulo: Ática, 1997.
- REY, Marcos. **O mistério do cinco estrelas**. São Paulo: Ática, 1981.
- SAMPIERI, Roberto Hernández, et al. **Metodología de la investigación**. Iztapalapa: The McGraw-Hill Companies, 2006.
- SARTRE, Jean-Paul. **O que a literatura?** São Paulo: Ática, 2004.